Psicodiagnóstico grupal frente à dependência química: experiência de estágio

Autor(res)

Sabrina Mariano Da Silva
Karina Vitória De Oliveira Martins
Caroline Boiko Guitel
Isadora Batista De Freitas

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE ITAPECERICA DA SERRA

Introdução

Este trabalho relata a experiência de coleta de dados para psicodiagnóstico grupal conduzido por acadêmicas de Psicologia em uma instituição religiosa voltada para o tratamento da dependência química, durante estágio supervisionado. A finalidade deste estudo foi compreender os aspectos comportamentais dos internos que atualmente estão no processo de reabilitação e ressocialização. A abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), o método da Arteterapia e instrumentos psicológicos validados como a Escala de Bem-Estar Psicológico (EBEP) e a Escala de Esquemas Emocionais Leahy foram utilizados durante realização das intervenções. A análise dos dados indicou a presença de sintomas compatíveis com Transtorno Depressivo Leve e traços de Transtorno de Personalidade Esquiva, além de dificuldades de vinculação, baixa autoestima e percepção negativa de si. As intervenções propostas concentraram-se no fortalecimento da autoestima, expressão emocional e ressignificação de experiências de dor e exclusão, respeitando a singularidade dos sujeitos. A escuta ativa e o vínculo terapêutico possibilitaram a criação de espaços de acolhimento e reflexão. Os resultados indicam avanços em aspectos como comunicação interpessoal, motivação para o tratamento e interação grupal. Observou-se melhora na auto regulação emocional e no engajamento dos internos nas atividades, evidenciando a eficácia das estratégias da TCC adaptadas ao contexto institucional. A experiência no campo contribuiu para o desenvolvimento de competências clínicas e éticas das acadêmicas, reforçando a importância da atuação psicológica em contextos de vulnerabilidade. A Psicologia é destacada como instrumento de transformação e cuidado, promovendo a reintegração social e reconstrução da identidade dos sujeitos.

Objetivo

O objetivo deste estudo foi analisar os resultados vivenciados ao longo da experiência de um estágio supervisionado em uma instituição de dependência química através do psicodiagnóstico grupal. O psicodiagnóstico é um processo que visa identificar forças e fraquezas no funcionamento psicológico individual ou grupal.

Material e Métodos

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, rodas de conversa, atividades expressivas, como a atividade Roda

da Vida, Dinâmica do Espelho, Caixa de Sentimentos Negativos, Construtores de Ideias, Dinâmica do Balão (Futuro), Tela das Digitais e a aplicação de instrumentos psicométricos validados, como a Escala de Bem-Estar Psicológico (EBEP) e a Escala de Esquemas Emocionais de Leahy. Os dados obtidos por meio desses instrumentos serviram como base para direcionar intervenções voltadas à autorregulação emocional, fortalecimento da identidade e resgate do senso de valor pessoal.

As técnicas aplicadas buscaram integrar teoria e prática por meio de vivências simbólicas e interativas que favorecessem o acesso a conteúdos internos dos indivíduos de forma respeitosa e transformadora. As atividades baseadas na TCC trabalharam diretamente com pensamentos disfuncionais, crenças centrais e esquemas emocionais dos participantes, promovendo a reflexão crítica e o desenvolvimento de estratégias mais adaptativas de enfrentamento. Já os recursos da Arteterapia possibilitaram a expressão simbólica de sentimentos e experiências difíceis de serem verbalizadas, funcionando como instrumento facilitador no acesso ao mundo interno dos sujeitos.

Resultados e Discussão

Durante os encontros realizados na instituição, foi possível observar uma alta rotatividade entre os internos. Embora exista um termo de permanência mínima de três meses, a permanência não é obrigatória, o que contribui para o constante fluxo de entrada e saída. Notou-se a presença de internos em diferentes estágios de tratamento: alguns em fase inicial, outros em processo avançado de recuperação ou prestes a receber alta.

Apesar dessa rotatividade, as acadêmicas conseguiram estabelecer vínculos com os participantes, o que foi um agente facilitador importante para a realização do psicodiagnóstico e das intervenções planejadas. O processo foi iniciado com observações e escuta ativa, evoluindo para intervenções mais estruturadas.

A aplicação das escalas psicológicas revelou padrões recorrentes de sofrimento psíquico, como tristeza, insegurança, medo e dificuldades em compartilhar experiências pessoais. Esses indicadores sugerem a presença de um quadro emocional compatível com Transtorno Depressivo Leve e traços de Transtorno de Personalidade Esquiva. A identificação desses aspectos possibilitou o direcionamento de intervenções centradas na autoestima, no acolhimento emocional e na construção de estratégias de enfrentamento mais saudáveis.

A partir dessa escuta e compreensão empática – como propõe Beck (2013) na TCC – tornou-se possível identificar com maior precisão as dificuldades enfrentadas pelos participantes durante o tratamento. As intervenções, construídas com base nesse olhar sensível, buscaram criar um espaço de acolhimento onde os internos pudessem expressar suas emoções de forma autêntica, respeitando suas singularidades.

Conforme aponta Cunha (2000, p. 54), a observação do comportamento, da comunicação não-verbal e do material latente contribui de maneira especial. Restringir o âmbito do interpretável somente ao conteúdo explícito da comunicação pode acarretar perda de informação clínica significativa. Tal perspectiva sustentou a importância da escuta ativa como ferramenta essencial para compreender os elementos implícitos do sofrimento psíquico dos internos. Com base nesses dados, as acadêmicas desenvolveram intervenções utilizando recursos que buscassem criar um espaço de acolhimento, onde os internos pudessem manifestar suas emoções de formas autênticas, respeitando a individualidade de cada interno.

Conforme Rogers (2009, p. 41), “quando uma pessoa se sente profundamente ouvida, sua experiência se reorganiza.” Ao se sentirem ouvidos e compreendidos, os internos demonstraram maior abertura para refletir sobre suas histórias, escolhas e possibilidades de mudança.

Dentre os resultados observados, destacam-se: melhora no humor, maior expressão de sentimentos, fortalecimento da interação grupal, aumento da motivação para o tratamento e melhora na comunicação interpessoal. Esses indicadores evidenciam o papel fundamental do suporte emocional no processo de

ressignificação da própria história, bem como a relevância do psicólogo como agente de escuta, cuidado e transformação. Os resultados obtidos reforçam a compreensão de que o vínculo e o contato humano são elementos indispensáveis no processo terapêutico, principalmente em contextos de vulnerabilidade emocional. Como aponta Yalom (2006), a necessidade de conexão é inerente à condição humana, independentemente da fase da vida ou da posição social. No cenário da clínica de reabilitação, essa realidade se mostrou evidente: a escuta e o acolhimento possibilitaram que os internos experienciassem relações mais genuínas e fortalecedoras, contribuindo para a construção de novas formas de enfrentamento e ressignificação de suas trajetórias.

Conclusão

Com base nas intervenções realizadas e nos aprendizados construídos ao longo do estágio, a supervisão teve um papel fundamental nesse processo formativo. As orientações recebidas não apenas agregaram conhecimento técnico, como também ampliaram o olhar das acadêmicas para novas possibilidades de atuação. Somado a isso, a convivência no grupo de estágio favoreceu o reconhecimento do papel individual de cada integrante dentro do coletivo, mostrando que, mesmo com ideias semelhantes, a singularidade de cada uma contribuiu significativamente para o planejamento e a execução ética das intervenções.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BECK, Judith S. Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática [recurso eletrônico]. 2. ed. Tradução de Sandra Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Paulo Knapp e Elisabeth Meyer. Porto Alegre: Artmed, 2014. e-PUB.

Caminha, R. M. Wainer, R. Oliveira, M. & Piccoloto, N. M. (org) (2007). Psicoterapias cognitivo-comportamentais: teoria e prática. São Paulo: Casa do psicólogo.

CUNHA, Jurema Alcides. Psicodiagnóstico-V. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 23, 26, 54.

ROGERS, Carl R. Tornar-se pessoa: um terapeuta vê sua própria terapia. Tradução de Maria da Graça Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 43.

TURATO, E.R. 2013. Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 6a ed., Petrópolis, Vozes, p. 685.

YALOM, Irvin D. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 41.

ZANELATTO, Neide A.; LARANJEIRA, Ronaldo. O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas. Porto Alegre: Artmed, 2013, p. 133.